

A PESCA

© Onde se fala de incentivos privilegiados e de "pescadores mentirosos"



Velho pescador da Inhaca

A FINAL, «Domingo» volta ao assunto. As pescas não se esgotam de uma só vez. E, tal como dizem os velhos pescadores, o mar dar-nos-á sempre peixe. É inesgotável. Por isso, depois da primeira incursão, na qual auscultamos os pescadores «in loco», voltamos hoje com a voz daqueles que têm como função coordenar e apoiar o trabalho piscatório na baía de Maputo. No caso vertente, trouxemos o responsável do Combinado Pesqueiro. Outra voz autorizada, a do Administrador de Inhaca, intervém neste processo de esclarecimento. A pesca, evidentemente, não acaba com a captura de um troféu. Envolve muito mais gente antes de, finalmente, o dito- cujo constar na nossa caçarola. É por isso que «Domingo» não parou por aqui e, nesta segunda questão, tenha trazido a lume o muito estímulo e... «o caso dos pescadores mentirosos».

Tudo começa quando uma equipa de Reportagem do «Domingo» atraca Inhaca. Dois artigos foram feitos na sequência dessa estada na ilha que se encontra situada a sensivelmente 50 quilómetros da cidade de Maputo.

A primeira versava o Turismo, essa área que permanece por desbravar, muito embora haja boas perspectivas de renovação de infra-estruturas, quicá a injeção que relançará este sector que, em alguns países, é a principal fonte de divisas.

A segunda reportagem publicada foi precisamente a das pescas, na qual «Domingo» publicava entrevistas de pescadores que diziam estar a trabalhar há mais de três meses sem vencimento. O título foi, precisamente, muito peixe, pouco estímulo.

Um segundo trabalho, este, traz à tona novas revelações, contrapondo as alegadas denúncias dos

pescadores. Esta segunda incursão traz declarações novas, feitas, primeiro, por um responsável (por sinal o próprio director) do Combinado Pesqueiro. Depois, o reforço das suas declarações encontra-se na intervenção do Administrador da ilha da Inhaca.

Sobre o Combinado Pesqueiro, «Domingo» propõe-se apresentar a filosofia desta empresa, a fim de que melhor se possam compreender as intenções e as palavras que vão ser pronunciadas por estes dois responsáveis, o Director Catula Chirinda, e o Administrador André Manjoro Nkuna.

Assim, «Domingo» começa a contar, em primeira mão, esta segunda incursão ao reino das pescas.

Começamos por uma apresentação: o Combinado Pesqueiro.

PESCA E INCENTIVO

Quando estive na ilha da Inhaca, os pescadores disseram-me que pes-

cavam muito peixe, mas não tinham estímulo nenhum. Quando falo de pescadores, refiro-me particularmente aos pescadores da Cooperativa 1.º de Maio.

É melhor dizer que a Cooperativa 1.º de Maio é a que mais contribui, em termos de produção, para a função do Combinado Pesqueiro. Exemplificando, esta cooperativa entregou, em 1988, 63 toneladas para serem comercializadas, enquanto

nado Pesqueiro fizeram alarde a um verdadeiro trabalho de incentivo da pesca, o qual está a ser acompanhado por muitas estruturas interessadas em desenvolver o sector.

Também quando entrevistei o Administrador da ilha da Inhaca, ele disse-me que achava muito estranho que os pescadores tivessem feito aquelas declarações, pois o Combinado Pesqueiro tem posto à disposição dos pescadores uma variada

presa interessada em desenvolver a pesca em mar aberto, como disse o seu responsável.

Ele referiu-se às perspectivas do Combinado Pesqueiro, explicou a sua vocação, depois de aludir que a actividade da empresa que dirige tem como fim cobrir os pescadores da baía de Maputo, pois encontram-se sob alçada do Combinado Pesqueiro as zonas de Macaneta, Costa do Sol e Mhutanhana, em Marracuene.

Estas explicações servem como ponto de referência para um esclarecimento que se impõe: como aparece, em tudo isto, o nome do Combinado Pesqueiro?

A empresa compra alimentos e outros acessórios utilizáveis pelos pescadores, pondo-os à disposição dos homens do mar. Em troca, os pescadores vendem o seu peixe ao Combinado, o qual, por sua vez, vende a produção a intermediários.

É um circuito que encontra uma resposta satisfatória por parte dos utentes. Vou transcrever, aqui, as

por Almiro Santos

palavras do director do Combinado Pesqueiro, as quais servirão para ilustrar esta situação.

— Estivemos em Machangulo. A nossa presença foi particularmente bem-vinda pelos pescadores locais. Quando de lá saímos eles já não sabiam onde e como iriam escoar o seu peixe. Os pescadores já não tinham alternativa para comercializar a sua produção.

Aqui ficou um extracto das palavras do director do Combinado Pesqueiro, a partir da qual se pode fazer um juízo sobre a actividade da empresa.

Continuando, encontramos que o Combinado Pesqueiro introduziu uma modalidade de pagamento aos pescadores que passamos a transcrever:

O homem que se fez ao mar

O dinheiro pago aos pescadores

Ao longo da conversa que travei com o director do Combinado Pesqueiro, foi-me mostrado um documento, no qual constavam alguns dos pagamentos efectuados aos pescadores da Cooperativa 1.º de Maio.

Do referido documento extraí datas e números que a seguir apresento, numa espécie de esquema. Até 31 de Dezembro do ano passado, não existia nenhum saldo entre a Cooperativa 1.º de Maio e o Combinado Pesqueiro. Tanto positivo como negativo.

Por conseguinte, o dito esquema foi elaborado com números referentes a este ano. Vejamos:

16 de Janeiro de 1989 — O Combinado Pesqueiro pagou à Cooperativa 1.º de Maio 400 contos.

17 de Fevereiro — A cooperativa já havia recebido mercadoria diversa no valor de 33 contos.

23 de Março — O Combinado Pesqueiro pagou à Cooperativa 1.º de Maio 700 contos.

16 de Março — O Combinado Pesqueiro pagou à Cooperativa 1.º de Maio 400 contos.

23 de Março — O Combinado Pesqueiro pagou à Cooperativa 1.º de Maio 500 contos.

14 de Abril — O Combinado Pesqueiro pagou à Cooperativa 1.º de Maio 500 contos.

19 de Maio — O Combinado Pesqueiro pagou à Cooperativa 1.º de Maio 600 contos.

31 de Maio — O Combinado Pesqueiro pagou à Cooperativa 1.º de Maio 642 contos.

Entre 16 de Janeiro a 31 de Maio do corrente ano, a Cooperativa 1.º de Maio recebeu do Combinado Pesqueiro um valor monetário que totaliza 3 milhões 742 mil meticais, de acordo com a fonte deste esquema.

Aqui não entram em linha de conta os valores das mercadorias adquiridas pelos pescadores ao Combinado Pesqueiro.



O barco chegou. Vamos ao peixe

(DE NOVO)

POSSÍVEL

volta à terra onde encontra já um mercado à espera. Trata-se, nem mais nem menos, do Combinado Pesqueiro, que no caso específico da ilha da Inhaca tem um grupo de infra-estruturas compostas por um conjunto de edifícios, os quais têm um gerador para a manutenção de um sistema de frio para o armazenamento do peixe. Muito mais recentemente, foi instalada uma fábrica de gelo, tudo isto tendo em mente apoiar o trabalho do pescador.

Pois, como vinha dizendo, o pescador tem à sua disposição o Combinado Pesqueiro para escoar o seu peixe. Devo dizer que, nestas circunstâncias, só o peixe de primeira interessa, pois não restam dúvidas que o mercado é exigente.

O peixe é pescado e contabilizado em fichas apropriadas, a partir das

classifica de utilidade pública. É apenas uma citação.

VOLTANDO À QUESTÃO

Como me referi, antes, um grupo de pescadores disse-me que não recebia há três meses. Encontrei-os em pleno regresso da faina. Eles voltavam do trabalho. Mostraram-me os cestos, os quais traziam peixes raquíticos. Disseram-me que aquela era a sua refeição. Achei absurdo, mas acreditei.

Pois a questão, aqui, é que o Combinado Pesqueiro pronunciou-se e o seu director fez declarações importantes. Pelo menos desanuviavam um pouco o clima que se tinha instalado, a partir do qual se depreendia, tal como o título anterior sugeria, o estímulo inexistente. Mostraram-me mapas, facturas e

uma série de documentos que comprovam o pagamento à Cooperativa 1.ª de Maio, de importâncias variadas, com as quais não devia haver qualquer problema de salário. Pelo contrário, com aquelas importâncias, devia, antes, existir uma divisão de lucros, pois eles existem.

Fiz, como devem ter-se apercebido, um quadro à parte, apoiando-me em dados que me foram postos à disposição pelo próprio director do Combinado Pesqueiro. No quadro, estão patentes algumas somas em dinheiro que inutilizam ou, pelo menos, apontam este caso para a existência de um mistério.

Senão vejamos:

Os pescadores de uma cooperativa queixam-se de que não recebem salário há três meses, isso até há dois meses atrás. Depois, o director da entidade a quem o peixe é vendido, afirma peremptoriamente que o peixe é pago à dita cooperativa. Comprova as suas palavras com documentos. Mais tarde, desloca-se o presidente da referida cooperativa à cidade de Maputo, onde afirma achar muito estranho que os seus pescadores tenham feito aquelas declarações. O dinheiro, alegadamente, não chega às mãos dos pescadores.

Das duas uma: ou os pescadores são, de facto, mentirosos, como se pretendeu insinuar, ou o caso é muito mais complicado do que aquilo que eu esperava. Mas continuo a narrar factos, acontecimentos.



Depois, a hora de exhibir os troféus

Já disse que o presidente da cooperativa disse ter achado muito estranho o procedimento dos seus pescadores. Inclusive, contactou com o Combinado Pesqueiro, a quem declinou esta situação a dos pescadores «mentirosos». Esta é apenas a segunda incur-

são ao reino das pescas. Na primeira, os pescadores acusavam. Neste segundo trabalho, os acusados acusam, também.

Em seguida, propus-me elaborar algumas pequenas informações, acompanhadas de mapas que se esperam elucidativos.

A comida que os pescadores recebem

Também a partir da conversa que travei com o director do Combinado Pesqueiro, fiquei a saber que existe uma extensa lista de produtos de primeira necessidade que são transportados para a ilha da Inhaca, a expensas daquela empresa.

Extraí a lista dos produtos que a Cooperativa 1.ª de Maio recebe, mensalmente, de acordo com o mesmo documento.

- ★ 350 quilos de farinha.
- ★ 350 quilos de arroz.
- ★ 150 quilos de massas.
- ★ 410 pacotes de bolachas.
- ★ 240 barras de sabão bingó.
- ★ 100 caixas de fósforos.
- ★ 40 litros de óleo.

Para além desta quantidade de produtos, existe uma segunda lista, a qual se destina a abastecer dois outros barcos pertencentes à mesma cooperativa e que foram doados pelo Projecto SUD.

- ★ 100 quilos de farinha.
- ★ 100 quilos de arroz.
- ★ 24 quilos de massas.
- ★ 36 quilos de açúcar.
- ★ 16 quilos de sal.

Todos estes produtos não sofrem nenhuma taxa suplementar, já que os comerciantes da ilha da Inhaca têm tendência a taxar todos os produtos que ali vendem, a fim de subsidiar o transporte dos mesmos, da cidade para aquela ilha.

Para que se possa estabelecer uma comparação, trouxe também uma lista dos alimentos que devem ser consumidos pelo pescador, num estudo elaborado pelas autoridades que superintendem o sector das pescas.

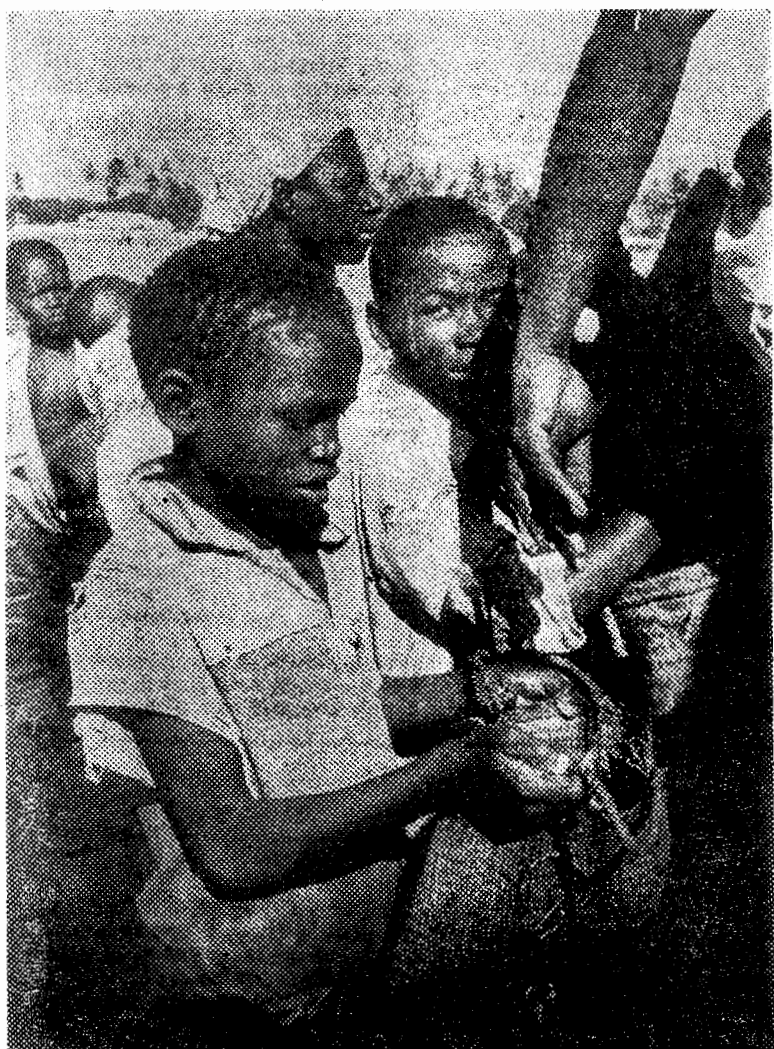
Esta é uma lista-proposta, por

tanto, re'ativa ao consumo ideal, por pescador/mês.

- Arroz: 4,8 kg.
- Farinha de milho: 4,5 kg.
- Massas: 2 kg.
- Pão: 25 pães.
- Carnes: 3 kg.
- Óleo: 1 ctil.
- Feijão: 1 kg.
- Açúcar: 2 kg.
- Leite condensado: 3 latas.
- Bolachas: 5 pacotes.
- Jam: 1 kg.
- Sal: 2 kg.
- Sabão: 2 kg.
- Fósforos: 3 caixas.

Uma informação complementar: de acordo com o director do Combinado Pesqueiro, em Dezembro aquela empresa terá deligenciado no sentido de reforçar o abastecimento do pescador.

Esta é uma citação:
— De Novembro a Março envia, mos para a Inhaca 5 mil contos em alimentos e, em Dezembro, necessariamente, 300 contos em bebidas



O futuro pescador. Por enquanto ainda compra peixe

quais se vai fazer o pagamento ao pescador, agora imediato.

Antes, esse pagamento não era à hora, o que quer dizer que os montantes diários eram acumulados, e pagos por períodos irregulares.

Esta é a primeira função do Combinado Pesqueiro. A segunda, talvez a mais importante para o pescador, refere-se fundamentalmente aos produtos que são postos à disposição dos que vendem a sua produção a esta empresa.

O director do Combinado Pesqueiro disse-me que, por cada tonelada, existe um prejuízo de 30 contos, só em transporte. Essa importância é coberta pela empresa, não existindo nenhuma taxa relativa à recuperação do montante em causa.

Quer isto dizer que a venda de alimentos aos pescadores da ilha da Inhaca está a ser subsidiada, praticamente, pelo Combinado Pesqueiro, o qual tem a seu encargo a responsabilidade de transportar atempadamente as mercadorias.

Mensalmente, uma extensa lista de produtos alimentares são comercializados pelo Combinado Pesqueiro, naquilo que o director Chirindza

O que disse o administrador

E porque o Administrador é sempre uma voz autorizada na vida de uma comunidade como a ilha da Inhaca, as suas palavras constam neste caso dos «pescadores mentirosos».

Estes são extractos de uma conversa que mantive com o Administrador André Manjoro Nkuna.

— Houve muito incentivo do Combinado Pesqueiro aos pescadores da Inhaca. Esse apoio continua a existir, felizmente.

— «Eles (os pescadores) são ajudados até os professores que leccionam na Inhaca. Muitos dos docentes que recebemos na ilha, vêm de Namaacha e Manhiça, por isso não dispõem de roupa suficiente. Houve uma vez que o Com-

binado Pesqueiro ofereceu-lhes «calamidades».

— «Eles (os pescadores) são ingratos».

— Não sei porque eles dizem isso, porque eu próprio fui convidado a comprar chaleiras, cassetes, lanternas e muitas outras coisas a preços acessíveis.

— Sei que os pagamentos são feitos às sexta-feiras, a fim de que os pescadores possam gozar melhor o fruto do seu trabalho.

— O Zabro é o melhor pescador da Inhaca, porque ele pesca à linha no alto-mar. Ele é um privado.

— Que eu saiba, a Cooperativa 1.ª de Maio não tem uma produção boa, em termos de qualidade, por que a maior parte do peixe capturado pelos cooperativistas é feito por redes de arrasto.



A alegria de chegar